

O LUGAR MAIS SOMBRIO

LIVRO II

MILTON HATOUM

Pontos de fuga



COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 2019 by Milton Hatoum

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Capa

Alceu Chiesorin Nunes

Imagem de capa

Pontos de fuga III, Guilherme Ginane, 2019, óleo sobre papel, 65 × 50 cm.
Coleção particular.

Preparação

Márcia Copola

Revisão

Márcia Moura

Ana Maria Barbosa

Os personagens e as situações desta obra são reais apenas no universo da ficção; não se referem a pessoas e fatos concretos, e não emitem opinião sobre eles.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Hatoum, Milton

Pontos de fuga / Milton Hatoum. — 1ª ed. — São Paulo :
Companhia das Letras, 2019.

ISBN 978-85-359-3288-1

1. Ficção brasileira I. Título II. Série.

19-30482

CDD-B869.3

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura brasileira B869.3

Iolanda Rodrigues Biode — Bibliotecária — CRB-8/10014

[2019]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

facebook.com/companhiadasletras

instagram.com/companhiadasletras

twitter.com/cialetras

O Lugar Mais Sombrio

VOLUME I — A NOITE DA ESPERA

No primeiro volume da trilogia *O Lugar Mais Sombrio*, intitulado *A noite da espera*, o jovem paulistano Martim muda-se para Brasília com o pai, Rodolfo, em janeiro de 1968, depois da separação brusca e inesperada da mãe, Lina, que se envolveu numa relação amorosa com um artista e deixou o marido.

Na cidade recém-inaugurada, Martim trava amizade com um variado grupo de adolescentes: Fabius (filho do embaixador Faisão, perseguido pela ditadura) e sua namorada, Ângela; Dinah, o Nortista, Vana e Lázaro (o único que mora numa cidade-satélite). Desse grupo de estudantes — e atores amadores dirigidos por Damiano Acante — destaca-se Dinah, por quem Martim se apaixona.

Nos cinco anos que passa em Brasília, Martim faz anotações intermitentes sobre sua vida de estudante no colégio e, depois, na universidade. No contexto turbulento da ditadura, a expectativa de rever a mãe forma um arco crescente de tensão, envolvendo não apenas o protagonista, mas

também seus amigos e outras personagens num ambiente de delação, desconfiança, violência e perseguição política.

No desfecho de *A noite da espera*, quando muitos dos amigos de Martim são presos, ele foge para São Paulo, deixando em suspenso sua história de amor com Dinah.

PONTOS DE FUGA

*That generation's dream, aviled
In the mud, in Monday's dirty light*
[O sonho dessa geração, aviltado
Na lama, na luz suja da
segunda-feira...]

Wallace Stevens,
The Man with the Blue Guitar

We are born rovers!

Joseph Conrad, *Victory*

1.

**Colégio Marista, Vila Mariana, São Paulo,
14 de dezembro, 1972**

“O peregrino procura abrigo?”, perguntou o professor Verona, observando a sacola da Dinah.

O cabelo loiro, agora ralo e sem brilho, parecia palha seca. Antonio Verona sofrera um infarto em setembro, mas em março ia retomar as aulas de história.

Contei por alto o rompimento com meu pai e a fuga de Brasília, queria prestar exames para ingressar na USP e procurava um lugar para passar uns dias.

Pedi que o esperasse ali mesmo, perto da escada: ele ia conversar com o diretor do colégio.

Viagem insone de Goiânia a São Paulo. Amanhecia sob o céu baixo e sem inocência da rodoviária. A cobertura de acrílico colorido refletia uma luz difusa na plataforma. O cheiro de óleo e fumaça, os mendigos largados no chão, as chamadas de embarque e as palavras de despedida da mi-

nha mãe na Flor do Paraíso lembravam a noite da viagem com meu pai a Brasília.

Ainda era muito cedo para falar com Antonio Verona. Numa tarde de 1967, quando ele levou os alunos a um “passeio histórico” pelo centro da capital paulista, visitamos o Pátio do Colégio e o mosteiro dos beneditinos, andamos até a Estação da Luz e, a caminho da Estação Júlio Prestes, o professor Verona apontou a fachada velha, desbotada de um edifício: “Essa imitação do estilo vitoriano é uma das sedes da polícia política”.

Na rodoviária li as anotações da última noite no apartamento do embaixador Faisão: o bate-boca com Fabius na presença do diplomata desnordeado, bebendo vinho francês, oferecendo uma taça ao filho, pedindo-lhe calma: “Um pouco de razão na tormenta, filho, um brinde a todos os poetas”, e a voz do Fabius me acusando de ter feito uma orgia com Ângela na cama dos pais dele. “Dinah sabe disso? Você enganou todo mundo, Martim, e ainda sugou a inteligência do meu pai. Sabe o que Ângela escreveu na carta? Leu as palavras sujas, o erotismo de puta insaciável? Cai fora amanhã cedo, minha mãe não quer te ver mais aqui. A gente vai conversar sobre isso na reunião da *Tribo*.”

Fabius jogou o vinho na pia, puxou o pai pelos braços, queria arrastá-lo à força para o quarto, mas o diplomata resistiu, desgarrou-se do filho, encheu a taça, fez um brinde às palavras eróticas e sujas da Ângela e chamou o filho de covarde. Passei a tarde da segunda-feira com a Dinah e não me reuni com o pessoal da *Tribo*. Agora Fabius deve estar em cana, não sabe que eu furtei do embaixador duas garrafas de tinto, livros... Tomei o vinho com a Dinah, antes do amor na tarde de tempestade; agora parecem longe essa tarde e a fuga na quarta-feira para Goiânia, ainda sinto cul-

pa por ter faltado à reunião da *Tribo*, mas nenhum remorso por não ter falado com meu pai.

De noite vim de táxi à Vila Mariana, telefonei para o professor Verona, eu estava perto do colégio e queria conversar com ele. Sugeriu que eu entrasse pela porta lateral.

Voltou em menos de meia hora: eu podia dormir e comer na ala dos internos, onde moravam dois estudantes da Escola Politécnica. Subimos ao último andar, atravessamos um longo corredor espaçoso, com janelões para o pátio. O jantar seria servido às sete. Verona me apresentou aos dois estudantes: um baixinho imberbe, sério; as sobrancelhas peludas, com longos fios em desalinho, lembram as do pai da Dinah. O outro, cabelo fino e amarelo até os ombros, sorriso persistente no rosto espinhento, é alto, desconjuntado, corcunda. Braços longos: as mãos ossudas e inquietas tocavam o joelho. Olhos de cavalo.

Ambos pareciam perplexos com a minha fome ou aparência. O Corcunda risonho não revelou sua origem; o outro vinha de São José do Rio Preto. Estagiavam numa construtora e passavam o dia fora; o Corcunda quis saber de onde eu era e o que estudava. Disse poucas palavras e saiu do refeitório.

Uma e vinte da madrugada. Os quartos dos dois estudantes estavam escuros, arrumei os livros de Brasília na estante de fórmica, deixei a roupa e os objetos na sacola da Dinah. Como é estranho voltar cinco anos depois a minha cidade e ocupar um quartinho deste colégio. Quando estudava aqui, o dormitório era inacessível aos externos; o refeitório e o banheiro são coletivos, os cubículos, alinhados entre corredores. Os internos eram os mais temíveis, andavam em bandos, brigavam, recebiam punições severas; dois deles, depois de uma luta com canivetes, foram expul-

sos e retornaram a uma cidade do interior. Conteí isso quando a gente morava no apartamento da rua Tutoia, os dois eram da minha sala. Meu pai fez um sermão: aqueles alunos eram vândalos, e os pais, irresponsáveis. Minha mãe apenas olhava Rodolfo, talvez pensando no amante, o artista.

Uma única lâmpada, fraca, acesa no saguão; o relógio iluminado da torre da igreja parou ao meio-dia ou à meia-noite.

Meus amigos dormem numa cela de Brasília.

Onde estaria o Nortista?

Colégio Marista, São Paulo, janeiro, 1973

“Por pouco a polícia não prendeu minha filha. Foi interrogada e humilhada por sua causa. Não telefone mais para cá.”

Voz raivosa do pai da Dinah. O Nariz de Berinjela deve fazer plantão noturno ao lado do aparelho; nas outras tentativas, em noites alternadas, ele escutava minha voz e ficava mudo. Um rato escondido. Depois batia o telefone.

Macuco, Santos, janeiro, 1973

Cheiro de maresia, lodo e escamas no ar úmido. O canal, as casas do Macuco e as serras escurecem. A mesma castanheira no jardimzinho, a mesma palmeira-imperial es-pichada no quintal dos fundos; as tábuas da fachada do

chalé, pintadas de azul, descoraram; agora uma grade com pequenas argolas de ferro protege a janela da sala. No canto do pátio um gato amarelo e preto saltou de uma cadeira de vime. Toquei a campainha: o corpo da Delinha surgiu por trás da grade e ela gritou o nome da patroa; minha avô passou pela sala: vi no pátio um rosto sério, que aos poucos se enterneceu e sorriu. A mão magra da Ondina apalpou meu rosto, como se o olhar não bastasse para reconhecê-lo, depois Delinha e a patroa me abraçaram e choraram.

A bússola prateada alemã sobre uma mesinha; na parede, o mapa da ilha de Santos e uma fotografia: o menino e o avô abraçados diante do aquário da Ponta da Praia. Falei um pouco da minha vida em Brasília e do curso de arquitetura na UnB, agora queria continuar os estudos na USP.

“E o teu pai?”, perguntou Ondina, ansiosa, fingindo desprezo pelo ex-genro.

“Rodolfo vai ficar por lá. Ele e um sócio constroem casas na beira do lago.”

“Lago em Brasília?”

“Um lago artificial...”

Ondina riu: “Essa é boa! Constrói casas na beira desse lago artificial. Minha filha largou teu pai, mas ele acabou lucrando com a separação”.

Delinha serviu a sopa de couve com pedaços de toucinho e pão torrado, depois rondou a mesa até encostar na parede.

“Esse teu pai sempre foi muito esperto. Um espertalhão e uma ingênua não podiam viver juntos. Mas a ingênua fez das suas.”

Ela envelhecera menos do que eu imaginava; no seu rosto ressurgia o olhar da Lina, como se eu visse minha mãe aos sessenta e sete anos, fazendo perguntas com uma